

Devoção e devoração na poesia contemporânea brasileira: Josely Vianna Baptista e Ricardo Aleixo

Juliana Caldas¹

Resumo

Poética de fragmentos, ou, conforme Haroldo de Campos, “antinormativa”, na medida em que redistribui e reorganiza os elementos já existentes, a poesia contemporânea brasileira, sobretudo a poesia concreta, inaugurou, nos anos 1970, um momento de convergência de signos, pois mais do que marcar a sua diferença utilizando um código universal, “[...] como Gregório de Matos e o Pe. Vieira no Barroco; como Sousândrade recombinando a herança greco-latina, Dante, Camões, Milton, Goethe e Byron no seu *Guesa Errante*; como Oswald de Andrade, “pau-brasilizando” futurismo italiano e cubismo francês [...]” (CAMPOS, 2006, p. 246), ela repensou o código e também a função poética. Assim como a crítica de Campos ao “sequestro do barroco” na formação da literatura brasileira de Antonio Candido ressalta, uma literatura que já nasce imersa no código cultural da letra escrita precisa descobrir seu ritmo e seu corpo pela experimentação do ritmo e do corpo do outro. Não ensimesmada ou autorreferente, essa produção poética, ao invés de letras impressas, precisa inaugurar uma espécie de oralidade e de corpografia, que reconheça o experimental e o lúdico como aspectos inerentes a sua prosódia e a sua escritura. Escritura que, de acordo com Meschonic (2006, p. 9), “começa aí onde cessa o definir, pelo menos o já definido”, e pulsa um ritmo e um corpo que consistem em “inserção polifônica de outros locutores além do narrador principal; deformação imitativa de palavras segundo a pronúncia; neologismo; multiplicação de palavras-valise; de onomatopeias, do obsceno e do escatológico; marchetaria de línguas estrangeiras” (p. 25). A despeito do risco que as poéticas contemporâneas enfrentam de caírem no vazio, a recusa pela tradição, ou ao menos sua devotada devoração crítica, aposta na revelação metalinguística da fenda na linguagem e do artificialismo do signo, assim, criando, ficcional ou plasticamente, um espaço de ausência a fim de que seja preenchido por aquele que lê, vê ou toca a obra, numa espécie de comunhão estética e erótica que insufla vida à arte. Ao colocar em relação as oposições sem a pretensão de resolvê-las, opera-se uma lógica da antitradição ou da contracorrente do canônico, ou seja, aquilo o que sobra, excede e está desprezado ou à margem é justamente onde se encontra, metaironicamente, o pulso da linguagem. É o *locus* do paradoxal, do insolúvel, da diferença, da alteridade que lança a interrogação ao invés do senso comum do já pensado ou já sabido.

Palavras-chave

poesia contemporânea; literatura comparada; Josely Vianna; Ricardo Aleixo.

¹ Mestra em Letras com a dissertação *Borda, baba e buraco: Hilda Hilst e Lygia Clark*, atualmente é doutoranda em Literatura brasileira na Universidade de São Paulo (e-mail: jubsaldas@gmail.com).

Josely Vianna e Ricardo Aleixo: poetas em trânsito

A primitiva relação entre as palavras e as imagens, correspondência enraizada na própria estrutura do pensamento, afinal trata-se de uma relação primária entre as palavras e as coisas ou as palavras e o que elas nomeiam é um terreno fértil para se pensar o fenômeno da linguagem humana. Se por um lado, a imagem gera fascínio pelo seu valor descritivo da “coisa em si”; por outro, à palavra cabe a dimensão de atribuir narratividade e historicidade à imagem.

Uma vez que essa correspondência pode guardar o mistério da linguagem humana e da longa história dos sistemas de comunicação entre os homens, não é de estranhar que os primeiros registros simbólicos nas cavernas fossem desenhos, as primeiras formas de escrita conhecidas sejam pictográficas, como os hieróglifos da tradição do Egito pagão, e entre os mitos fundantes da tradição ocidental, nas *Metamorfoses* de Ovídio, por exemplo, encontre-se a alegoria dessa relação instável entre as palavras e as imagens personificada nas figuras de Eco e Narciso.

Não à toa, essa relação entre as palavras e as imagens foi constantemente revisitada e renovada, encontrando espaço privilegiado na pós-vanguardas do século XX, haja vista, por exemplo, a poesia concreta (poética centrada na forma visual do poema como significante fundamental para a interpretação) e a arte conceitual (proposições visuais cuja significação plástica decorre de um ato de nomeação que desloca a “função” do significante, como “A Fonte”, de Duchamp, um mictório ressignificado ao ser invertido e renomeado pelo artista).

Pode-se pensar que da fricção desse amálgama, a poesia contemporânea vem se constituindo como ato de enunciação, ou seja, “apropriações de linguagem que encarnam em um aqui e agora e em um corpo” (AGAMBEN, 2012, p. 9), não se limitando às produções editoriais impressas e, também, colocando em xeque a função “autor”, uma vez que se constitui como uma montagem de discursos, falas e imagens, linguagens e suportes.

Dentre inúmeros nomes e vozes nessa polifonia e multiplicidade na poética contemporânea, pretende-se neste ensaio trazer em relação Josely Vianna Baptista (Curitiba, PR, 1957), poeta e tradutora, cujas publicações incluem *Ar* (1991);

Corpografia (1992) em parceria com o artista plástico Francisco Faria; coleção *Cadernos de Ameríndia* (1996); *Roça barroca* (2011), e Ricardo Aleixo (Belo Horizonte, MG, 1960), poeta, artista multimídia e editor, que tem entre suas publicações os livros *Festim* (1992); *Modelos vivos* (2010); *Antiboi* (2017).

Poetas que transitam entre as grafias das letras e as do corpo, entre a rua/ a roça e a erudição, entre o papel e a performance, entre os povos tradicionais e as inovações tecnológicas, entre a devoção do passado e a devoração do presente, entre a língua-materna recriada na poesia e a tradução como recriação do outro, são poetas-ícones que mais do que construir-se enquanto autores, parecem encarnar o *zeitgeist* de todo um tempo e uma geração.

O livro *Corpografia* (1992), de Josely Vianna, feito em parceria com o artista plástico Francisco Faria, cria um idioleto verbovisual composto por seis poemas (“Espelho ardente”; “Laminares”; “Hiléias”; “Os poros flóridos”; “Colosso impenetrável” e “Moradas”) que faz convergir a poética de um verso neobarroco e a poética não verbal da fotomontagem.

No livro *Modelos vivos* (2010), Ricardo Aleixo reúne 75 poemas compostos com técnicas diversas, em que as múltiplas facetas do poeta podem ser vislumbradas. Dentre seus poemas, uma espécie de manifesto poético-visual, testemunho e bricolagem, intitulada “O poemanto: ensaio para escrever (com) o corpo” chama a atenção por se configurar uma espécie de síntese e programa poética do autor, que intercala versos livres com fotografias da performance com o objeto-parangolê (tecido preto e pintado com palavras aleatórias brancas) chamado de “poemanto”.

A experiência literária, em seus primórdios atrelada à oralidade, ou seja, à vivência do corpo e à partilha presentificada, foi, com a formação do sujeito moderno e da imprensa, restringindo-se à letra, “que é morta, ou que mata”. Hoje, diante da multiplicidade de possibilidades de produção, circulação, reprodução, enunciação, gravação, parece ter se deslocado a ponto de colocar em questão o que pode ou é frente aos desafios da vida, do real e da contemporaneidade.

Nesse sentido, faz-se interessante questionar quais dispositivos e procedimentos críticos podem ser mobilizados diante dessa virada em torno dos objetos literários, cada

vez mais próximos do acontecimento e disseminados em eventos simultâneos e não apreensíveis apenas no texto escrito.

A poesia que reconhece na escritura o movimento da fala, o ritmo do sujeito e do seu tempo, ou como definiu Juan José Saer , a literatura como “antropologia especulativa”: antropologia porque propõe uma visão do homem; especulativa porque não é taxativa, antes uma especulação em torno das possíveis maneiras de ser do homem, do mundo, da sociedade; numa escuta atenta entre o real e o imaginado, a devoção e a devoração.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Ninfas*. Tradução de Renato Ambrósio. São Paulo: Hedra, 2012. (Coleção Bienal).

ALEIXO, Ricardo. *Modelos vivos*. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.

BAPTISTA, Josely Vianna. *Sol sobre nuvens*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MESCHONIC, Henri. *Linguagem – ritmo e vida*. Trad. Cristiano Florentino. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2006.

SAER, Juan José. “O conceito de ficção”. *Sopro 15*, Desterro, ago. de 2009. Disponível em: < <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n15.pdf>>. Último acesso em 13 de julho de 2019.